A Recepção Midiática e a Perspectiva da "Dupla Mediação": Olhares em Debate[1]

Mauro Wilton de Sousa
Mauro Wilton de Sousa possui doutorado em Ciências da Comunicação pela USP. É professor titular e, atualmente, Diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP. É professor do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA/USP.
Email: mwsousa@gmail.com

[1]O presente texto é uma versão revisada, modificada e atualizada de original intitulado: A recepção mediática e a perspectiva da "dupla mediação", publicado na Revista Significação/ Revista de Cultura Audiovisual, PPGMPA.n.32.pgs.81/97, 2009.ECA-USP.

Resumo: Vem se tornando lugar comum na contemporaneidade indagar sobre a atualidade e a pertinência das teorias da comunicação no contexto de mutações que hoje marca a um só tempo a sociedade e o processo da comunicação social. O tema da recepção midiática aí se insere e se coloca igualmente diante de indagações diversas.O presente texto ensaia reflexões a respeito e em especial quanto às possibilidades de compreensão da recepção mediática desde a perspectiva do que vem sendo denominado de "dupla mediação".

Palavras chaves: Recepção Midiática; "Dupla Mediação"; Enraizamento Social; Comum Midiático; Espaço Público Midiático.

Abstract: It has become common place in contemporary inquire about the timeliness and relevance of communication theories in the context of mutations that today marks the one time the society and the process of social communication. The theme of media reception occurs and there also arises in front of several questions. This essay is intended reflections on and in particular the possibilities of understanding of media reception from the perspective of what has been called "double mediation".

Key Words: Reception in the media; double mediation; social roots; media public space; common media.

A recepção mediática em processo de mutação

A relação entre indivíduo e sociedade tem sido marcada desde o século passado pela presença generalizada de ferramentas de informação e comunicação de longo alcance, também denominadas de massivas, constituindo-se como um dos elementos fundamentais de caracterização do lugar de mediação que a comunicação tem exercido na sociedade contemporânea. O contexto histórico da sociedade na época, definida pelos princípios da modernidade capitalista em expansão e igualmente marcada pela significação do advento de ferramentas que alteraram as condições de produção econômica e de condução da vida pessoal e coletiva, formaram um amplo, diverso e complexo conjunto de fatores que se associaram no dimensionamento não só desse papel mediador das técnicas e ferramentas de que a comunicação tem se servido desde então, mas na caracterização da própria sociedade denominada de contemporânea.

O lugar mediador da comunicação nas relações que sustentam a vida pessoal e coletiva das pessoas tem sido, pois, especialmente estudado no que se refere ao papel e a significação social, política e cultural das ferramentas de informação e comunicação, espaço também denominado de tecnologias da informação

e da comunicação (TICS). Ainda que o processo da comunicação social não se restrinja ao uso de suas ferramentas de suporte, os esforços no alinhavar o conhecimento e a construção interpretativa desse processo, e que resultaram no que se denomina de teorias da comunicação, refletiram bastante a preocupação em qualificar o tecido social a partir das possibilidades e da significação do uso dessas ferramentas, especialmente no contexto de sua expansão generalizada e de atualização constante.

Os dias atuais tem possibilitado apontar que esses esforços interpretativos estão hoje diante de novos desafios. As relações sociais se modificaram na simultaneidade de outros inúmeros processos que se associaram e que não se resumem a eventuais efeitos líquidos de atuação de tecnologias massivas ou das que desde então vêm sendo denominadas de pós-massivas. Por outro lado,as práticas culturais estão cada vez mais marcadas pela diversidade, os modos de garantir a produção e o exercício individual e coletivo da vida se situam agora no contexto de uma sociedade globalizada,envolvida nos valores da modernidade tardia, entre tantas outras questões e problemáticas advindas. Não é demais então reconhecer que se o processo mesmo da comunicação social se mostra em mutação também se evidencia a necessidade de se buscar novos aportes da teoria da comunicação (TRIVINHO, 2007; SODRÉ, 2009; MARCONDES FILHO, 2008; RUEFF, 2010).

O tema da recepção mediática se insere nesse contexto. Nascido e desenvolvido em tradições de estudo voltadas à preocupação de dimensionar o poder instrumental de ferramentas técnicas na relação das pessoas com o consumo de bens materiais e simbólicos, é uma perspectiva de estudo da comunicação social e que acentuou como seu objeto uma relação dual e por demais marcante e direcionada pela verticalidade sempre pressuposta e desejada entre emissor e receptor. O termo recepção é significativo dessa instrumentalidade não mais só no que se refere a esse possível poder desejado das ferramentas de informação e de comunicação em propiciar resultados e impactos, mas sobretudo em assumir o sujeito-receptor em uma relação que também o instrumentaliza. Essa busca de conhecimento do poder das ferramentas da informação comunicacional no controle social através da obtenção de efeitos desejados acabou por reproduzir e evidenciar aderência em comunicação social, na relação emissor-receptor, à racional do sistema capitalista na modernidade, ou seja, a relação entre produção e consumo. Em outros termos, a racional da modernidade definida enquanto meios e fins, tanto foi traduzida no âmbito do sistema econômico como no modo de se compreender as ferramentas do processo comunicacional, fato que bem sinaliza sobre a significação da compreensão então atribuída às ferramentas da comunicação como meios de comunicação social.

Os inúmeros estudos sobre audiência, sobre a opinião pública, tanto quanto sobre consumo de bens materiais e simbólicos, sobre as estratégias de marketing e mesmo sobre as relações públicas nas organizações sintonizam, ainda que com termos diferentes mas com preocupações semelhantes, essa mesma racional de meios e fins, uma lógica que se mantem em diferentes campos e objetos de estudo e que na verdade tem marcado o tema da recepção mediática na contemporaneidade.

Atente-se, ainda que em uma rápida retomada histórica, que o tema da recepção mediática nessa perspectiva até aqui apontada, adquiriu especial importância desde a tradição norte-americana de estudos em comunicação. Estudos e práticas de recepção mediática, no âmbito acadêmico, e estudos de consumo, no âmbito do mercado, muitas vezes se confundiram e ainda hoje se interpenetram.

Esses estudos foram igualmente marcados pela crítica frankfurtiana e a advertência das conseqüências advindas na dimensão massiva aí resultante não

só quanto ao consumo de bens como no que se refere aos valores que sustentam as práticas culturais. (MARTIN-BARBERO, 1995: 39).

Os estudos a respeito foram sobretudo trabalhados até há alguns anos por essas duas tradições de pesquisa.A dimensão de recepção cada vez mais associada ao consumo e a marca como que imputada ao receptor como passivo de um processo cultural, político e ideológico são alguns dos traços que aos poucos foram tornando o tema da recepção limitado e pouco expressivo em seu poder interpretativo, razão de preocupação e da necessidade de busca de novos caminhos.

Três conjunturas alimentaram, no entanto, na última década, a perspectiva de novos olhares a respeito: de um lado, as possibilidades advindas dos estudos culturais ingleses, em especial na versão assumida na América Latina e, de outro lado, o desenvolvimento e expansão generalizada de tecnologias da informação e da comunicação, também chamadas de tecnologias horizontais ou tecnologias pós-massivas, especialmente pelo seu lugar na proposição de um novo modelo epistemológico da comunicação, campo da cibercultura, tendo propiciado diferentes processos de qualificação das práticas de comunicação.O contexto do sistema de valores sociais e culturais em mudança,âmbito da modernidade tardia ou da pós-modernidade, se coloca como fator que integra este cenário de múltiplas conjunturas ao mesmo tempo conceituais e teóricas,tanto quanto empíricas.

A presença dos estudos culturais tem apontado um deslocamento possível e metodologicamente desafiador: compreender a comunicação não a partir do emissor, mas das práticas que no mundo da cultura permeiam a recepção, o espaço das múltiplas mediações aí possíveis. (MARTIN-BARBERO, 1997). Olhar as práticas da comunicação desde o receptor e as mediações que se dão no espaço dessas mesmas práticas.Resulta daí a dimensão ativa que cabe ao receptor como ator e emissor diante dessas mesmas práticas, portanto também diante dos meios e suportes da comunicação.

A presença crescente das tecnologias horizontais reforça essa possibilidade metodológica dos estudos culturais em sua acepção assumida na America Latina, ainda que na multiplicidade de aparatos tecnológicos permeando essas mesmas práticas, cada vez mais plurais, e também cada vez mais convergentes (Jenkins,2009).

A emergência de ferramentas de informação e comunicação, não mais só verticais e voltadas ao consumo massivo, mas que também possibilitam relacionamentos sustentados na horizontalidade de relações individuais e em redes, vêm se dando na simultaneidade do aflorar de problemáticas novas ou retomadas e revisadas em sua significação como as que se referem a identidade cultural, a subjetividade, o imaginário social, a comunidade, o público e o privado. Esse aflorar de novas problemáticas sociais e culturais se de um lado não possibilita apontar uma relação causal decorrente das novas mídias, ou de sua convergência, surge na confluência de reconhecimento de todo um processo cultural que se manifesta marcado pela diversidade cultural, por um tecido social onde se evidencia o questionamento de valores e normas tanto quanto crises na significação de instituições tidas como estruturantes do estar junto coletivo na modernidade. Aos poucos se percebe que há todo um contexto em múltiplas e marcantes interligações envolvendo mutações desde o sistema social mais amplo, as práticas culturais e da comunicação:a relação entre individuo e sociedade vivencia novos contextos e perspectivas. É o que Martin-Barbero (1998: 53) já assinalara sobre o resultante desse novo e múltiplo contexto de mutações no espaço urbano:”O espaço publico da cidade se desintegra, o fluxo, a fragmentação, a reclusão domestica e a comunicação, mediada pela televisão e pelas novas tecnologias, reconfiguram hábitos e culturas, criando diferentes sociabilidades”.

Estes aspectos se colocam na verdade como reforçadores da já histórica indagação sobre o lugar dos meios de comunicação no contexto da relação entre indivíduo e sociedade na contemporaneidade, admitido que a verticalidade da relação do emissor sobre o receptor através das ferramentas de suporte, tidos como expressão de poder de controle social, tem na diversidade mesma desses suportes e das razões de seu uso, tanto quanto na pluralidade das práticas culturais que sustentam as pessoas e suas razões na produção da subsistência e na condução da vida individual e coletiva, racionalidades que não se ajustam entre si e entre seus muitos e diferentes atores,em diferentes condições de tempo e espaço, O modelo paradigmático de emissor-receptor - canal-mensagem sustentado na busca de controle social tem em si mesmo, na contemporaneidade, os elementos de sua contradição. (SOUSA, 1998: 39).

O tema da recepção mediática, nas tradições desenvolvidas até agora em seu estudo, mostra-se, pois, já com dificuldade para dar conta de relações sociais e culturais onde a presença e atuação de ferramentas tanto verticais e massivas, como as que se reportam ao rádio, a televisão, a imprensa e o cinema, se compõem e ao mesmo tempo se diferenciam do acesso a formas e razões de uso das ferramentas horizontais, mais individuais e em rede, ligadas a internet, aos blogs, as redes de relacionamento, entre outras; dificuldade ainda no apreender práticas culturais de atores ativos, individuais e coletivos, e onde essas práticas são marcadas pela pluralidade e diversidade de valores e símbolos assumidos e expressos em suas razões de ser e de uso público.

É oportuno então observar que as práticas de recepção mediática na verdade podem ter se dedicado até agora muito mais ao estudo das relações dos media com as pessoas, e do lugar destas com aqueles, em função de um fim que se oculta no sistema social e que na verdade se define como sujeito oculto da própria comunicação (SOUSA,1995). Esse viés a um só tempo do objeto e da metodologia de seu estudo evidencia agora a possibilidade de se dizer que ao invés de se estudar a relação entre as pessoas e os media, os estudos sobre recepção mediática têm se posicionado desde uma nova estratégia metodológica, a identificação das mediações que nas práticas culturais qualificam a dimensão social da própria comunicação,novos olhares no esforço de qualificação do sujeito oculto desse mesmo processo. Assim, saliente-se a pertinência da afirmação que sugere esse deslocamento do objeto de estudo da comunicação “dos meios às mediações” (MARTIN-BARBERO, 1997). Estes e outros fatores assinalam limites até aqui enfrentados no estudo da comunicação na perspectiva da recepção mediática, tanto quanto podem ser indicadores do que Escosteguy aponta como um arrefecimento no entusiasmo que marcou essa perspectiva de estudos especialmente no Brasil, nos anos 90 (ESCOSTEGUY, 2008). Limites que se mostram também passíveis de superação na contemporaneidade.

A perspectiva da ”dupla mediação“

A presença dos estudos culturais ingleses, especialmente em sua vertente latino-americana, tem apontado desde o final do século passado, um deslocamento possível e metodologicamente desafiador no âmbito de estudos sobre a recepção mediática: compreender a comunicação não a partir do emissor, mas das práticas que no mundo da cultura permeiam a recepção. Nesse objetivo importa privilegiar as mediações, ainda que plurais e diversas, mas passíveis de uma relação hegemônica, e que na verdade se interpõem como os sentidos que orientam a relação das pessoas através dos media com a própria vida, ou seja, também com a sociedade. È nesse processo que sentidos em negociação se colocam como mediação fundamental de compreensão da relação que se estabelece entre as pessoas e as ferramentas da comunicação. É bem verdade que o tema da mediação, ainda que historicamente presente em várias posturas teóricas interpretativas nas ciências sociais, surge ainda como polemico no campo

da comunicação sobretudo pela pluralidade de acepções conceituais e imbricações teóricas que pode assumir. (MARTIN-BARBERO, 1997; SIGNATES, 2006; SANTOS, M. S. T e NASCIMENTO, M. R. 2006: 105).

No entanto, assumindo essa perspectiva os estudos de recepção ainda mantêm o termo recepção, mas cada dia mais se mostra um movimento que desloca o eixo emissor/receptor para algo que o extrapola, permeando a circulação de valores e processos que não estão mais só na tecnologia ou só na comunicação, mas em um conjunto/contexto que envolve a própria sociedade, agora globalizada, como que um bios mediático, na acepção de Sodré (2009). O âmbito da contextualidade moderna e ao mesmo tempo também o que se denomina de pós-moderno acabaram sendo elementos fundamentais nessa reconfiguração de perspectiva, especialmente no reconhecimento de um processo de comunicação em sintonia com um processo de mutação mais amplo e complexo que se dá no âmbito da própria sociedade.

O tema da recepção mediática na verdade se transforma ao assumir como seu objeto o espaço de mediações que se dá na experiência das práticas culturais, individuais e coletivas, espaço de relacionamento onde se concretiza a comunicação como vinculação social. (SODRÉ, 2001).O processo da comunicação se define como espaço de mediação social e como tal reconfigura as praticas de publicização em um cenário de múltiplas linguagens em mutação.

Miège (2009/A) se coloca no amadurecimento da perspectiva do lugar da mediação no processo da comunicação, mas sob um outro olhar, na confluência com a perspectiva dos estudos culturais. E é a partir dessas suas perspectivas que levanta-se aqui a hipótese de se compreender a recepção como prática mediadora de sentidos, não como acumulação passiva mas como expressão do estar junto individual-coletivo, do estar-com, da comunicação se desdobrando em "publicização".

Suas contribuições se situam já a partir das características que definem seu objeto de estudo e sua postura teórica diante do processo da comunicação na contemporaneidade.

Ele não se define em busca de uma nova Teoria da Comunicação, nem em busca de uma nova filosofia da comunicação, ao contrário, define-se como pesquisador voltado ao estudo das indústrias culturais em desenvolvimento na contemporaneidade. Nesse sentido três eixos de estudos se complementam e seus textos e obras reproduzem essa preocupação: estuda as lógicas sociais que estruturam o pensamento comunicacional contemporâneo; o lugar social das novas tecnologias da informação e da comunicação nesse processo em mutação; a atualidade e complexidade que assume em comunicação a questão do espaço público.

Um dos aspectos mais debatidos por ele está no questionamento do determinismo das ferramentas técnicas nos processos da informação e da comunicação, propondo a análise das lógicas sociais e transversais que sustentam esse processo na atualidade. Contrapõe que o lugar das ferramentas se coloca na proporção mesma de compreensão da dinâmica social como elo igualmente fundamental para se compreender o pensamento comunicacional em construção na contemporaneidade. E esse parece ser um eixo a partir do qual desenvolve e sugere caminhos. Uma afirmação de Castoriadis, indicada e debatida por Miège, bem aponta o eixo de sua preocupação "Mas o conjunto técnico ele mesmo está privado de sentido, técnico ou qualquer que seja, se o separarmos do conjunto econômico e social..." (MIÈGE, 2009/A: 9)

Assim, como que em uma síntese de suas preocupações está a relevância do olhar para o que denomina de "dupla mediação" entre a técnica e o social, indicando ainda

a pertinência do "enraizamento social" das práticas comunicacionais como objeto a ser mais e melhor trabalhado pela pesquisa. Opta, pois, por uma abordagem por ele mesmo assumida como decididamente comunicacional, evidenciando as múltiplas mutações e mudanças operantes nas nossas ações comunicacionais cotidianas. Desenvolve então um longo e complexo quadro de análise e de crítica do pensamento e da pesquisa em comunicação na contemporaneidade e de forma instigante.

Sobre "a dupla mediação" e "l'ancrage social"

Miège reconhece que as novas ferramentas da comunicação, ora denominadas de TICs (tecnologias da comunicação e da informação), ora de Novas Media,se encontram dentro de um estágio de maturidade já observável pela sua presença generalizada em todos os setores da vida produtiva, social e cultural, constituindo-se como componentes da vida cotidiana. Entende, no entanto, que definiu-se um discurso cada vez mais evidente de criação de certezas e de evidencias sobre essas ferramentas.Isso se manifesta com a antecipação crescente dos seus usos possíveis e de sua eficácia, bem como com a certeza de que propiciarão resultados sociais e culturais. São discursos antecipatórios que procuram a convergência de redes e ferramentas de relacionamento e que propiciam na verdade conflitos múltiplos na relação com os usuários. Muitas das posturas teóricas interpretativas do lugar dos usuários das novas tecnologias se ressentem dessa maximização antecipatória dos benefícios das novas tecnologias. Na verdade, através dos blogs, do SMS, da Web reproduz-se com ferramentas novas e dispersas discursos de ontem buscando desde o advento dessas ferramentas os usuários consumidores e os interesses do emissor. Uma lógica que reproduz práticas de controle social do consumo.

É nesse contexto que Miège entende se posicionar contra o determinismo tecnológico presente nessas práticas assumindo a hipótese da necessidade de se compreender esse processo no contexto de múltiplas lógicas sociais aí presentes. Não contrapor a técnica e o social, mas dimensioná-los no âmbito do que se denomina de "dupla mediação", hipótese segundo ele presente em diversos autores como Bruno Latour e Michel Calon. (MIÈGE, 2009: 47). Reconhece que a hipótese da "dupla mediação" é hoje importante ainda que genérica e insuficiente para possibilitar apreender muitas práticas contemporâneas que envolvem as novas mídias, mesmo que muitos autores tenham chegado a um refinamento analítico apreciável.

Em um de seus textos assim se expressa a respeito:

> "Por isso, parece-nos oportuno situarmo-nos no contexto da problemática da 'dupla mediação' sobre a qual Josiane Jouët (Jouët, Beaud, Flichy, Paquier e Quéré) escreve que ela "é ao mesmo tempo técnica, pois a ferramenta utilizada estrutura a prática, mas a mediação é também social porque os motivos, as formas de uso e o sentido atribuído à prática se alimentam no corpo social" e que resulta numa interrelação entre o técnico e o social. Essa problemática se opõe à clássica,do grande compartilhamento entre técnica e o social,e à antropologia das ciências (representada por exemplo por Michel Callon e Bruno Latour) que como modelo da tradução interessou-se antes de tudo pelas alianças entre ciências, técnicas e ação social. (...) As vantagens dessa postura da "dupla mediação" aparecem imediatamente embora seja necessário abrir a abordagem do social. Mais difícil é o trabalho reflexivo que visa a destrinchar aspectos muitas vezes estritamente ligados. No entanto, isso é essencial para a compreensão do que está em jogo.(...)" (Miege, 2009/A, p.46)

É ainda nessas mesmas referencias bibliográficas que no aprimoramento dessa hipótese sugere três proposições,aqui sintetizadas em suas expressões: primeiro, tratar os Novos Media como ferramentas e serviços que contribuem para mutações de fenômenos relevantes de informação e comunicação e não apenas como

participantes de mudanças políticas, de sociabilidade, de aparatos organizacionais e de produção comercial; analisar mais do que fatos e circunstancias, mas a contribuição dos media na evolução da sociedade contemporânea e não reduzi-los a quadros interpretativos de pouca significação; segundo, buscar compreender a temporalidade da técnica, fator quase sempre negligenciado, e fundamental para se entender a tendência da técnica como um movimento,lembrando que só utópicos apressados e tecnólogos interessados ignoram essa importância da temporalidade; terceiro, importa ter melhor evidenciada a distinção entre o que é inovação de outros aparatos próximos como os processos de mutação, os de mudança, de aperfeiçoamento social e cultural envolvidos na relação técnica e sociedade.

Essas suas sugestões na verdade assinalam sua proposta de que a hipótese da "dupla mediação" entre a técnica e o social seja mais trabalhada no que ele denominou de "ancrage social", ou segundo ele mesmo, a necessidade do estudo do "enraizamento social" derivado da presença e atuação das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Esse enraizamento social, marca de sua proposta de estudos, pode se efetivar através de um esquema de análise em sete eixos de aprofundamento: o estudo da 1."informacionalização"; 2. da midiatização da comunicação; 3.da ampliação do seu domínio; 4.da "mercantilização das atividades comunicacionais"; 5.da generalização das relações públicas; 6.da diferenciação das práticas comunicacionais; 7.da circulação e fluxo de informações e da transnacionalização das atividades.

Entre outros aspectos que Miège desenvolve na sequencia deste desejado diálogo entre técnica e o social, especialmente sobre o enraizamento social da técnica, está a distinção que faz entre técnica e tecnologia. A tecnologia seria um termo que se aproxima mais da noção de um discurso sobre a técnica, e estaria voltada a uma esfera prática de atuação. As TICs envolvem a técnica/ferramenta e não tecnologia, o mesmo se dando na apreensão do termo Novas Media. Esse reconhecimento indica a intenção implícita de reforçar a própria idéia de dupla-mediação, pois ao abordar as práticas (técnicas) e não o discurso sobre elas (tecnologia) ele propõe a análise dos desenvolvimentos técnicos a partir de suas determinações sociais e não mais somente como conseqüência de inovação tecnológica.

As perspectivas que desenvolveu nessa relação entre técnica e o social envolve dimensionar sob ângulos instigantes outros aspectos, que não serão aqui adensados, como a relação entre redes, dispositivos e conteúdos.

Sobre o espaço público

Um outro eixo de estudos de Miége se refere à crítica e à atualização do tema do espaço público mediático. Retoma os estudos seminais de Habermas admitindo que diversos aspectos deram forma histórica a esse processo e que hoje possibilitam hipóteses novas a respeito.Na sua perspectiva, o espaço público mediático tem seu primeiro instante na significação da imprensa de opinião, mais tarde, já no século dezenove, com o surgimento da imprensa comercial e de massa.Um terceiro momento se dá com o surgimento dos meios audiovisuais de massa e particularmente da televisão generalista, e enfim, em quarto momento, com o advento das relações públicas generalizadas, quando surgem as estratégias de comunicação das grandes organizações, sindicatos e igrejas (MIÈGE,2009/A).

Esses quatro diferentes momentos da evolução histórica do espaço público surgem sucessivamente no contexto europeu e norte-americano, o que não lhes traz uma necessidade ou homogeneidade, devem ser vistos na dependência de fatores sociais históricos tanto quanto de atores sociais.

Essa evolução não significa a definição do espaço público desde as atualizações e mudanças tecnológicas, por si só, mas significa que os modelos de comunicação respondem a lógicas sociais que lhes atribuem sentido.

Miège entende que essas mutações do espaço público estão em curso: sua fragmentação bem como sua ampliação em espaços públicos parciais; a formação de espaços públicos mais sociais do que políticos influindo bastante na construção dos modos de vida cotidiana e do estar junto social, o que tem levado os meios de comunicação cada vez mais para atuação na esfera da vida privada e individual. Isso propicia assimetrias como as de classes sociais no acesso ao espaço público através dos media importando muito cuidado para não se chegar a conclusões rápidas e que não levem em conta a longa duração desses mesmos processos.

Contrariamente a certos discursos que assinalam mudanças radicais e espetaculares acontecendo no seio das práticas sociais, das relações de trabalho e mesmo na vida cotidiana, assinala que na verdade há mudanças que lentamente vem acontecendo em pelo menos três direções:

1. A comercialização e mesmo a industrialização de quase todos os produtos comunicacionais, processo muitas vezes associado a globalização neo-liberal em curso, acelerando e facilitando os mecanismos de trocas sociais e culturais, a industrialização de conteúdos, a expansão das redes e ferramentas.

2. A midiatização técnica da comunicação, donde a cibercultura, as comunidades virtuais, tidas muitas vezes como prejudiciais a comunicação presencial cotidiana, de ruptura de laços e tecidos sociais, ou de limitadores de participação democrática.

3. A individualização das práticas sociais é outro aspecto em evidencia no espaço público contemporâneo. Esse deslocamento que propicia do cinema ao uso do DVD em casa, as múltiplas opções da Net e de fóruns mediáticos especializados evidentemente propiciam mudanças e trocas sociais e que devem ser analisadas com cuidado.

Esse conjunto de variáveis indicadoras de um processo de espaço público em mutação evidentemente tem que levar em conta a emergência de novas normas reguladoras da ação comunicacional. Por outro lado, a interpenetração da esfera privada e a esfera do mundo do trabalho, incorpora aí as novas tecnologias em um transito entre ambas. O mesmo se dá nas esferas do lazer, nas tomadas de decisão, na escola criando um laço estreito entre viver, decidir e trabalhar na complexidade mediadora de múltiplas ferramentas.

Em síntese, estas reflexões de Miège (2009/B) até aqui sintetizadas apontam a possibilidade de que o espaço público mediático estaria construindo nos dias atuais uma quinta fase, na seqüência das quatro que ele apontou há pouco, indicando que nos dias atuais ainda prevalece o acesso ao espaço público mediático pelas mídias massivas, matriz dos chamados públicos de massa.

No contraponto com o pensamento habermasiano e da prevalência de um espaço público de argumentação, basicamente na esfera política, e tendencialmente único, chega-se a um espaço público midiatizado cada vez mais na confluência de espaços parciais, mais sociais do que políticos, mais tendentes ao individual do que ao coletivo, e por isso mesmo mais conflitivos. A *dimensão simbólica* de participação no espaço público através da mídia se torna uma marca da contemporaneidade.

Na verdade Miège tem destacado que mais do que o envolvimento de tecnologias massivas e pós-massivas há um espaço público cada mais mediado por práticas *sócio-simbólicas*. Engajados na maioria das vezes com a preocupação

mais ou menos expressa de dar todo o apoio ao ator final, o usuário consumidor, as práticas se encontram paradoxalmente na dependência direta das tendencias cuja inserção social pretendem acompanhar, com o risco nem sempre evitado de valorizar todas as vezes a perspectiva de um salto qualitativo ou mesmo de uma nova comunicação baseada no determinismo técnico.

Perspectivas advindas para compreensão do objeto da recepção mediática

Já é bastante conhecido entre nós no Brasil que a tradição de estudos franceses em comunicação não se volta ao estudo do tema da recepção mediática como temos feito aqui até agora, perspectiva esta advinda muito mais da tradição norte-americana de estudos em comunicação. Os estudos franceses se voltam para a relação entre mídia e receptor buscando a compreensão de processos sociais envolvidos, com referenciais teóricos outros, donde os estudos que embora se sirvam de termos como usuário s de mídia se voltam para preocupações mais ligadas às práticas de comunicação.

Miège se coloca na. perspectiva de estudo sobre as industrias culturais e a metodologia de análise de que se serve torna sua aqui pertinente e sob vários ângulos.

Primeiro, sua hipótese referente à "dupla mediação" entre a técnica e o social retoma dimensões do conceito de mediação que os estudos culturais têm resgatado atualmente, mas Miège indica um campo muito mais amplo de indagação, objetiva por onde deve ser buscada a mediação. Indica ele na verdade que o nexo entre emissor/receptor não se limita a uma verticalidade ou causalidade entre esses dois atores, nem deve ser vista apenas como uma questão de mediação tecnológica massiva ou pós-massiva, mas deve ser buscada no interior dos processos onde esses mesmos nexos se dão, o campo por ele denominado de enraizamento social dessas mesmas técnicas, atentos ao fato de que conjugam-se com um processo social que não lhe é passivo ou independente. Na verdade, sob argumentos vários Miège está sugerindo que o lugar das novas tecnologias no processo da comunicação deve ser trabalhado não como um nexo causal ou circunstancial e de curta duração entre atores e ferramentas, mas como prática social, de fato e em toda a sua extensão, como lógicas que a sustentam e que estão também em mutação.

As indicações de sua proposta referentes ao conhecimento mais detalhado e processual de emergência e consolidação de ferramentas de comunicação, tanto quanto sua estratégia de estudo dos processos de enraizamento do social, "a dupla mediação", configuram para os estudos de recepção um deslocamento metodológico de objetos e de processos de estudo da relação das pessoas não mais com os media mas com a sociedade através dos media, de fato mediação.

Segundo, nossa hipótese de estudos sobre as praticas de recepção mediática serem vistas como expressão de busca de pertencimento a um comum mediático e que é ao mesmo tempo um comum–público (Sousa, 2006. p.215) tem a contribuição de Miége na indicação de que o espaço público sócio-simbólico, mais societal do que político, mais dependente de seu lugar social do que tecnológico, mais cultural-prática de vida do que de argumentação, podem configurar um novo modo e razão de estar-junto social.

As indicações sobre a "dupla mediação" e o "enraizamento social" acabam se juntando com as dimensões de pertencimento público sócio-simbólico oferecendo perspectivas de um deslocamento instigante para estudo. As temáticas do sentimento de pertencimento a espaços públicos mediados pelos diferentes media, sua inserção em um comum mediático que se define pela própria experiência individual ou coletiva de exposição a linguagens e conteúdos, ganha a oportunidade de encontrar sob termos antigos apropriações conceituais novas

(Sousa, 2007). Questões que envolvem as práticas de recepção mediática como a sua individualização crescente, a exposição mediática como manifestação da subjetividade e da busca de identidade, a mediação que leva a relacionamentos buscados em redes e comunidades são, entre outros, fatores que podem amadurecer a hipótese da recepção mediática ser vista como espaço mediador da construção de experiências que se traduzem em formas atualizadas de expressão pública do estar junto coletivo.

Referências bibliográficas

ESCOSTEGUY,A. C. *Quando a recepção já não alcança, por uma revisão no objeto e método*. Grupo de Trabalho Recepção, Usos e Consumo Mediático. COMPÓS: São Paulo, Junho/2008

JENKINS,H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Ed.Aleph, 2009.

MARCONDES FILHO, C. *Para Entender a Comunicação*. São Paulo: Ed. Paulus. 2008.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MARTIN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org) *Sujeito o Lado Oculto do Receptor.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

MARTIN-BARBERO, J. Cidade virtual: novos cenários da comunicação.In: *Revista Comunicação e Educação*, Ano IV.N.11. São Paulo: Ed.Moderna: 1998.

MIEGE, B. *A sociedade Tecida Pela Comunicação*. São Paulo: Ed. Paulus, 2009/A.

MIÈGE, B. *Penser l'Espace Public:Lês Enjeux Actuels*. Seminário Mutações no Espaço Público. São Paulo: ECA/USP, 2009/B.

RUEFF, J. et al. *WEB Social: Mutation de La Communication*. Quebec:Presses de L'Université du Quebec, Canada, 2010.

SODRÉ. M. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

SODRÉ, M. *O Objeto da Comunicação é a Vinculação Social* in: Entrevista. Rio de janerio: Revista PCLA. N.1. 2001.

SOUSA, M,W. *Sujeito, o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1995.

_____. A Recepção Sendo Reinterpretada in: *Revista Novos Olhares*. São Paulo, Ano I, n.1, 1998.

_____. Práticas de Recepção Mediática Como Práticas de Pertencimento Público. in: SOUSA, M. W.. (org.) *Recepção Mediática e Espaço Público*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

_____. Recepção mediática como linguagem de pertencimento. in: MEDOLA, A. S. L. D. e outras (org) *Imagem,visibilidade e cultura mediática*. Porto Alegre. Ed. SULINA. 2007.

SANTOS, M. S. T. e NASCIMENTO, M. R. Revendo o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. in: SOUSA, M. W.. (org.) *Recepção Mediática e Espaço Público*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

SIGNATES, L. 2006. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. in: SOUSA, M. W.. (org.) *Recepção Mediática e Espaço Público*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006

TRIVINHO, E. *A Dromocracia Cibercultural*. São Paulo: Ed. Paulus, 2007.